

clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial

Por Carolina Rocha

O grito de independência das mulheres latino-americanas

Por Lília Macêdo

ENTREVISTAS

Bila Sorj

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

Hebe Vessuri

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

RESENHAS E CRÍTICAS

“União Operária”, de Flora Tristán

Por Felipe da Silva Santos

“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici

Por Mariane Silva Reghim

AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlote Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

clássicas

editoras

Marcia Rangel Candido
Verônica Toste Daflon

assistente editorial

Mariane Silva Reghim

projeto gráfico

Ana Bolshaw

ilustração de capa

Sophia Pinheiro

autoras

Anita Guerra
Carolina Rocha Silva
Felipe da Silva Santos
Lília Maria Silva Macêdo
Lolita Guerra
Lorena Miguel
Luna Campos
Mariane Silva Reghim
Nicole Midori Korus
Teresa Soter Henriques
Vaneza de Azevedo

comitê editorial

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/
UERJ
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ
Marcelo Borel, IESP/UERJ
Marcia Candido, IESP/UERJ
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ
Natália Leão, IESP/UERJ
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

Índice

apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 6

entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO
NO BRASIL
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 10

clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA
SOCIOLOGA
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL _____ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS
LUNA CAMPOS _____ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN
TERESA SOTER _____ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE
E DIREITOS
VANEZA DE AZEVEDO _____ 52

artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO
ESSENCIALISMO FEMININO
ANITA GUERRA _____ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL
CAROLINA ROCHA _____ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS
LÍLIA MACÊDO _____ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA
LOLITA GUERRA _____ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO
NICOLE MIDORI KORUS _____ 110

resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN
FELIPE DA SILVA SANTOS _____ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",
DE SILVIA FEDERICI
MARIANE SILVA REGHIM _____ 130

Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e
Verônica Toste Daflon**

Resenha de “Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, de Silvia Federici, 2004

Mariane Silva Reghim

Fruto de boa vontade coletiva, o livro “Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, de Silvia Federici, lançado em inglês em 2004, foi traduzido pelo coletivo Sycorax e contou com a presença da autora em seu lançamento no Brasil, em julho de 2017 no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O lançamento no Brasil foi um momento propício para debater sobre a atual situação do capitalismo a partir das questões levantadas pela obra, bem como estabelecer diálogos com outras vozes e saberes a fim de avançar nesse debate tão pertinente.

Silvia Federici é italiana de nascença, mas teve uma trajetória transnacional, de modo que viveu e experienciou a luta das mulheres em diferentes contextos, como a Luta pelo Salário na década de 1960 nos Estados Unidos e a luta na Nigéria na década de 1980, enquanto era professora nesse país. Federici é feminista autonomista e escreve principalmente sobre mulheres, sobre a luta pelo bem comum e faz análises anticapitalistas. O título calibã e a bruxa são referências à peça “A Tempestade”, de Shakespeare, na qual calibã incorpora em si os processos de colonização na sua totalidade, assumindo o papel de rebelde anticolonial, e a bruxa, sua mãe Sycorax, representa o corpo feminino que exerce a atitude revolucionária, mas não adquire o protagonismo e se torna um elemento secundário.

O livro é uma análise da transição do feudalismo para o capitalismo, remetendo a uma variável pouco tratada pelas obras clássicas: as mulheres. A autora foca principalmente em duas questões pouco problematizadas: primeiro, sobre o fato de o capitalismo ter se constituído com o uso e não pagamento do trabalho das mulheres e, segundo, sobre o caráter de classe e misógino da caça às bruxas e sua indissociabilidade do capitalismo. Ao contrário das análises tradicionais, que dedicam apenas um parágrafo, um capítulo ou uma menção rápida a algum ou outro acontecimento específico pertinente às mulheres, a autora deixa evidente em suas análises a inerência da presença das mulheres na história, para além da história das mulheres.

Podemos identificar uma análise macroeconômica, social e política, uma vez que atenta para a passagem do feudalismo para o capitalismo e aos fatores estruturais que foram fundamentais para essa passagem. Ao mesmo tempo, é também uma análise sobre os corpos que foram transformados em máquinas nesse mesmo contexto. Os corpos ganham destaque, tanto enquanto sujeitos pela violência do capitalismo, como também enquanto generificados, racializados e descobertos. As análises levam em conta a diferença da sujeição de corpos

femininos e masculinos, sempre atentando para as nuances em relação a classe e raça. Nesse bojo, como veremos adiante, os corpos femininos vivenciam processos de violência, dominação e controle que corpos masculinos não passaram.

A obra, resultado de um trabalho de três décadas, é dividida em cinco capítulos que partem de uma contextualização dos problemas que assolam e assolaram as mulheres em diferentes contextos, bem como das resistências por nós efetivadas; os capítulos que seguem focam em momentos históricos e acontecimentos sociais, econômicos e políticos, sempre apresentando uma outra interpretação possível. Federici coloca feminismo, Marx e Foucault em diálogo, tecendo análises críticas que ampliam e vão além das interpretações dos autores em questão.

Partindo de uma análise marxista do capitalismo e reconhecendo a história enquanto a luta de classes, a autora reflete, principalmente, sobre as mulheres trabalhadoras, uma vez que, segundo ela, Marx não se preocupou em diferenciar o impacto e a importância das/os sujeitas/os genericadas/os em sua obra. Ou seja, apesar de concordar com a análise macroeconômica

do autor, Federici preenche as lacunas das análises marxistas demonstrando como corpos femininos foram violentados no processo de consolidação do capitalismo, além de terem sido deslocados para o ambiente doméstico ao mesmo tempo em que o trabalho realizado nesse espaço deixou de ser reconhecido enquanto trabalho produtivo.

A centralidade de eventos imprevisíveis, como a peste negra e seu impacto na vida da sociedade em geral, é também abordada a partir da perspectiva do povo. Uma vez que grande parte da população foi dizimada pela peste, o poder de barganha do servo aumentou de modo que, a partir de então, ele pode experimentar o poder de escolha ou se dar ao luxo de escolher onde e sob quais condições gostaria de trabalhar. No entanto, da mesma maneira, a necessidade de mais trabalhadores disponíveis aumentou, alterando, assim, a correlação de controle e domínio sobre os corpos femininos.

A autora, se baseando na noção de acumulação primitiva de Marx, aponta a lacuna deixada pelo autor, uma vez que este não se preocupou em esmiuçar as suas relações com o trabalho das mulheres. Todo o processo de surgimento do capitalismo,

mas principalmente os cercamentos e privatização da terra, incidiram de maneira diferente nos homens e nas mulheres trabalhadoras. O cercamento da terra alterou a rotina e a dinâmica entre os proprietários e os trabalhadores no sentido de que a separação entre público e privado, tal qual concebemos hoje, começa a aparecer; o trabalho no mundo público passar a ser valorizado monetariamente, através do salário, e esse é ocupado pelos homens. As mulheres trabalhadoras, que até então participavam da dinâmica na propriedade comunitária, são confinadas em casa e o trabalho que elas exercem entre quatro paredes, como não pode ser visto ou não produz mercadorias, é destituído de valor.

Em contrapartida, essa foi uma transição conturbada e não passou despercebida. Enquanto os homens começaram a ocupar seus cargos no espaço público, as mulheres, por estarem vivenciando essas transformações de forma mais aguda, foram também as principais opositoras ao novo sistema. Elas se organizaram, realizaram motins, e protagonizaram a luta a fim de defender a manutenção de suas vidas e seus corpos sob seu controle. No plano individual, muitas mulheres tentaram a sorte partindo para as cidades, no entanto nem de uma maneira, nem de outra tiveram muito sucesso.

Paralelamente aos cercamentos das terras, os corpos das mulheres também foram cerceados de sua liberdade de escolha, de cuidado, de prevenção da gravidez ou da manutenção da mesma. Além de serem confinadas em casa e ter seu trabalho não valorizado, as mulheres foram reduzidas a reprodutoras de mais força de trabalho, ou seja, foram transformadas em incubadoras de gente e responsáveis por repor o estoque da mão de obra masculina e feminina.

Ou seja, o cercamento e a acumulação primitiva teve um impacto duplo para as mulheres trabalhadoras, pois, uma vez que não recebiam por seu trabalho, eram dependentes financeiramente de seus maridos, que também eram trabalhadores, mas que tinham seu serviço reconhecido enquanto produtores de mercadoria. O “patriarcado do salário”, conceito cunhado pela autora, delineia de que modo as mulheres foram submetidas a uma relação de dependência com os homens por não terem seus trabalhos valorizados, no caso das mulheres trabalhadoras, e de não poderem possuir bens ou heranças, no caso das mulheres abastadas. Da mesma maneira, o domínio sobre os corpos femininos e sua redução a uma máquina reprodutora opera de maneira diferenciada conforme a classe social, mas sempre como duas faces da mesma

moeda. A convivência da igreja e do Estado se transformaram em perseguição e proibição. Os corpos e a sexualidade foram politizados e normatizados

Mais uma vez os corpos das mulheres, bem como o domínio sobre eles, é muito mais compreensível se analisado no contexto social ao qual está inserido. Se num primeiro momento as mulheres heréticas tinham um certo poder de decisão sobre seus corpos, bem como conhecimento acerca de métodos contraceptivos e abortivos, como no caso das trabalhadoras dos feudos, a peste negra e a preocupação com o equilíbrio demográfica da população dela decorrente, impactaram as mulheres de maneira muito mais aguda. Seus corpos, enquanto reprodutoras, agora não lhes pertencia. O direito do feto passava a se sobrepor ao direito da mulher em escolher querer ou não parir.

O processo de desvalorização econômica da mulher é concomitante aos processos legais e culturais de sua degradação, propiciando um ambiente para a sua infantilização e bestialização e criando uma dicotomia que classifica algumas mulheres enquanto puras e frágeis e outras como bruxas. Assim, além das diferenças hierárquicas criadas entre homens e mulheres, também se produz as mulheres

que devem ser protegidas e as mulheres que devem ser perseguidas.

A Caça às Bruxas foi um acontecimento misógino responsável pela perseguição, mutilação e assassinato de milhares¹ de mulheres em um longo espaço de tempo, principalmente na Europa. O período entre 1580 e 1630 foi o mais radical e violento, mas com reminiscências que foram até 1980 em partes da África e no Brasil, por exemplo. Além de seu caráter de gênero, a autora chama a atenção para o recorte de classe presente nesse acontecimento, uma vez que as mulheres vítimas eram notoriamente mulheres pobres e camponesas sendo perseguidas por homens brancos e ricos.

Os argumentos para tal empreendimento são elaborados no plano esotérico, enquanto, no plano racional, na mesma época, o Iluminismo e o racionalismo dominavam enquanto doutrinas ideológicas. A autora nos convida a entender essa aparente contradição, uma vez que, em sua linha de raciocínio, não podemos deixar de considerar que havia um projeto político machista de desmonte

1 Federici explica a impossibilidade em cunhar a quantidade exata de mulheres que foram vítimas, devido, principalmente, ao descaso com o tema e à (quase) inexistência de estudos que procurem fontes confiáveis e averiguem as quantidades.

e perseguição da oposição ao sistema emergente, bem como do proibicionismo do conhecimento das mulheres sobre seus corpos e suas decisões quanto à reprodução.

Ainda de maneira paralela estavam sendo empreendidos os projetos coloniais que partiam dos mesmos pressupostos de bestialização e, portanto, perseguição ou salvação, dos povos “descobertos”. Além, é óbvio, da desconsideração por todos os saberes sistematizados desses povos. Ou seja, de um modo ou de outro, são homens, brancos ricos, fazendo uso de seus poderes econômicos, legais, burocráticos e religiosos para “proteger” ou perseguir os outros. A escravidão também pode ser explicada nessa chave, salvas especificidades de tripla ou dupla violência que incidiram sobre as pessoas negras – que, mais do que não terem seu trabalho remunerado, não eram sequer reconhecidas enquanto pessoas.

As acusações de bruxaria que podem ser encontradas nos arquivos da época eram baseadas, geralmente, em crimes como magia e pacto com o demônio, com a intenção de dominar os homens ou mulheres libertinas, promíscuas, respondonas e rebeldes; em alguns casos as acusações eram mais específicas, como maldizer a vizinhança ou

envenenar o marido, patrão entre outras. Além disso, o crime de infanticídio é também reiteradamente alegado, principalmente no que se refere a mulheres que atuaram enquanto parteiras ou curandeiras ou as que foram acusadas de cometer aborto. Mais uma vez, como podemos notar, o domínio sobre os corpos e saberes das mulheres está associado à sua capacidade em gerar vida que, para os capitalistas, não passavam de mais força de trabalho e, portanto, criadores de mais – valia e riqueza.

A diferença e a hierarquia estabelecidas entre homens e mulheres, elaborada pelos letrados da época (a autora menciona nomes como Descartes, Hobbes e demais filósofos mecanicistas) e reiterada por juristas, homens do Estado e da igreja em geral, operam a fim de manter os homens no poder e negar às mulheres, às pessoas do Novo Mundo e aos escravos qualquer racionalidade, reduzindo-os a corpos ou seres que agem apenas pela paixão. A dependência da mulher com relação ao homem é afirmada de maneira muito enfática, mas por vezes opera de maneira sutil. Quando se alegava que para a mulher ser reconhecida enquanto bruxa ela deveria ter um pacto com o demônio, representado como um homem, isso significava dizer que ela não possuía agência e que agia sob

ordens masculinas. Ou seja, nem às bruxas era concedida a ideia de que as mulheres agiam por si.

Esse é um elemento curioso que, se analisado num espaço de tempo maior fica mais evidente, uma vez que a magia não é invenção dessas bruxas; a magia já existia anteriormente, mas uma vez que o capitalismo precisa de corpos que funcionem como máquinas e não como seres transcendentais o processo de racionalização masculina, que visa esse domínio e controle de corpos femininos e proletários, opera de modo a erradicar a magia subjugando-a.

Aqui cabe lembrar a crítica de Federici a Foucault, que é elaborada em dois níveis. Primeiro, pela ausência da menção à caça às bruxas em sua “História da Sexualidade”. Segundo, pelo fato de os discursos repressivos, para além de serem entendidos enquanto alternativa à repressão, estarem aliados a todos procedimentos violentos de domínio e controle dos corpos e da sexualidade das mulheres. Ou seja, o autor, ao elaborar a História da sexualidade fazendo usos de conceitos como controle, dominação e política, não menciona a caça às bruxas enquanto parte desses mecanismos de controle dos corpos, nem se aprofunda nas formas como o domínio é exercido sobre as

mulheres.

O fim da caça às bruxas, ao menos de maneira estrutural na Europa, ocorre com o estabelecimento do Estado-nação e da racionalização enquanto instituições hegemônicas, de modo que a magia, a partir de então, não oferece mais risco para a ordem vigente. Os saberes das bruxas e curandeiras, agora “substituídos” pela ciência moderna e pelos doutores se limita a manifestações locais e limitadas. No entanto, a menção a “crimes normais” tiveram uma alta considerável.

Por fim, a autora argumenta que as crises capitalistas atuais continuam sendo utilizadas como justificativas para empreendimentos colonizadores, protagonizados por instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que se utilizam de seus status, aliado aos interesses de Estados e elites econômicas e políticas, roubando violentamente terras comunitárias e exterminando modos de vidas locais ao impor seu modo de conhecimento. A busca por “acumulação primitiva”, a partir do saqueio de outras terras, que não as Europeias ou Norte Americana, ainda é uma prática existente e faz parte de um continuum de toda a história apresentada até agora.

De modo geral, a autora se preocupa em atentar para os recortes de gênero, classe, raça e nação, algumas vezes com mais sucesso e outras com nem tanto. A relação entre maternidade e mulheres negras e indígenas, por exemplo, apesar de estar sempre sujeita ao controle de homens muitas vezes ocorre de maneira oposta à da mulher branca, como demonstram a história da eugenia no Brasil e todos os experimentos com a pílula anticoncepcional na América latina, por exemplo. No entanto, acredito, trata-se de uma obra de valor inestimável, um suspiro de esperança no que se refere à produção acadêmica. “Calibã e a bruxa” tem tudo para se transformar uma obra exemplar ao lado de outros clássicos.

Referências Bibliográficas:

FEDERICI, Silvia. (2017) Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante

Mariane Silva Reghim é doutoranda em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP/UERJ e feminista. Atualmente pesquisa sobre epistemologia feminista, sociologia do conhecimento, movimentos sociais, produção e circulação de conhecimento.
contato: marianesreghim@gmail.com

AS EDITORAS:**Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

Veronica Toste Daflon

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

ASSISTENTE EDITORIAL:**Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

ARTISTAS GRÁFICAS:**Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

Sophia Pinheiro

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** (www.youtube.com/sobreelas), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

